O número da besta | Davi Amorim de Andrade

"Deixem aqueles que têm entendimento calcularem o número da Besta, pois esse é um número humano", Apocalipse 13:16 - 18.

Em 2026, um matemático publicou em uma famosa revista científica que realizava edições de Natal com artigos satíricos, satirizando os próprios limites do método científico. O artigo tinha menos de meia página, mas teve repercussão imediata.

***

Queremos demonstrar que o número da Besta, 666, na verdade, foi representado na antiguidade com uma falha lógica que resultou em interpretações errôneas desde então. Provamos a seguir que o número da besta, na verdade, é $1/\sqrt{(1+(\pi^2/6))}$.

Um triângulo retângulo com hipotenusa AB representa a relação entre a pessoa A e a pessoa B. O vértice C tem distância h de AB, e h representa uma terceira relação, de C com AB. $1/h^2=1/a^2+1/b^2$, de acordo com o teorema de Pitágoras inverso.

Se repetirmos o processo a partir da altura h, adicionando um vértice de cada vez, temos sempre um ângulo reto entre a paralela e o vértice. Ao repetir e somar as distâncias de todos os vértices do conjunto temos: $1+1^2+½^2+⅓^2$... caso o comprimento de cada nova aresta siga crescendo em

uma unidade de cada vez, pois sabemos que as distâncias entre as pessoas só aumentam conforme elas se afastam de Deus. Isso é $1+\pi^2/6$. A distância h representa a união de um indivíduo qualquer e o coletivo, sendo $1/h^2$ a soma da série infinita. $1/h^2=1+\pi^2/6$, e $h=1/\sqrt{(1+(\pi^2/6))}$.

Isso permite a ligação direta entre o Homem e o coletivo, ou seja, com Deus; logo, o Homem não depende mais de Deus, mas se liga ao coletivo diretamente. Q.E.D (como queremos demonstrar)

Considerando o conceito de constante cosmológica de Einstein, λ; h seria o grande equalizador entre a separação total ($\pi^2/6$) e uma união total, $1/\sqrt{(1+(\pi\text{^}2/6))}$, logo, a sociedade deveria seguir para uma dialética entre esses dois números, sendo essa a sociedade perfeita, o paraíso; resultado do conflito entre o anticristo e o Eterno. E eu, um simples matemático que não quer desagradar gregos e troianos, escolho o caminho da evasão dialética, adeus.

***

O matemático formulou esses cálculos como um desafio conceitual de lógica e uma pequena brincadeira com o significado que nós damos aos números; mas muitos assumiram que ele havia mesmo descoberto o número da Besta e passaram a tratá-lo como o verdadeiro anticristo. O matemático, no entanto, passou o resto da sua vida vivendo tranquilamente, ainda que a sua descoberta tenha sido interpretada como

uma revelação por muitas pessoas.

***

Logo após a publicação do artigo, revistas de divulgação científica e jornais sensacionalistas divulgaram os resultados do matemático, os primeiros tranquilizando os seu público, dizendo que o artigo não passava de uma piada bem formulada e uma composição lógica interessante. Já os segundos, o divulgaram como uma profecia apocalíptica, listando inúmeros outros "sinais" da proximidade do fim do mundo.

Além disso, houve inúmeros teóricos da conspiração que tentaram encontrar ligações entre o matemático e a maçonaria e outras sociedades secretas. Um desses teóricos, um psicólogo social expulso da comunidade científica por divulgar conteúdos duvidosos, propôs que esse resultado já existia no inconsciente coletivo desde a antiguidade, mas só agora era trazido à tona. Para ele, o inconsciente coletivo era uma espécie de Basílio de Roco, uma entidade que quer ser trazida à tona e que recompensaria com o paraíso todos aqueles que contribuíssem com isso; e com a punição eterna a todos aqueles que tentassem impedi-los.

Uma cientista reconhecida por revelar e desbaratar teorias da conspiração foi à TV para falar sobre o assunto:

"Essa é só uma forma elaborada de desinformação, sua estrutura é tão didática que podemos usá-la como modelo para reconhecer outras

do tipo. Em primeiro lugar, temos a lógica circular, o argumento de uma teoria da conspiração entra em loop, de forma que não conseguimos sair dele apenas seguindo a sua lógica. Segundo, ele descredibiliza qualquer tentativa independente de testar a sua validade ou falsidade fora da estrutura circular, pois você seria, supostamente, "punido" se fizesse isso. Terceiro, ele usa a remota possibilidade de estar certo como um argumento absoluto em prol da sua veracidade, isso é típico de teorias da conspiração. Em suma, este caso é extremamente didático sobre os perigos das teorias da conspiração e como nós podemos, com um pouco de senso crítico, provar a sua falsidade."

"O que você está propondo, professora", disse o entrevistador, "é que tenhamos uma fé inabalável na ciência e na sua capacidade de explicar o mundo, mas acredito que nem todos têm o pensamento frio de identificar as contradições de um argumento sem se levar pela emoção, mesmo sabendo que se trata de uma teoria da conspiração."

"Esse é o ponto", respondeu a cientista, "esta é uma oportunidade de ouro para exercitar o nosso pensamento científico, pois qualquer apelo à emoção aqui pode levar ao erro: o argumento apela para a suposta neutralidade da matemática para fazer uma piada, esse era o objetivo inicial do artigo e da revista que o publicou, são justo os limites de nós cientistas de combater esse tipo de desinformação que estão em jogo."

O entrevistador perguntou novamente: "professora, você está pedindo para que as pessoas não sigam a lógica do argumento e

também usem a falta de evidências como uma evidência para não o levarem a sério. Alguns teólogos estão usando o argumento da escolha de Pascal: se eu não acreditar nesse Basilisco Social, ou na Besta, e ela existir, serei punido pela eternidade; caso eu acredite nela e ela exista, eu terei a recompensa eterna."

"Esse argumento do inconsciente coletivo dotado de agência também é problemático", respondeu a pesquisadora, "não encontramos qualquer evidência da sua veracidade, essa é só uma forma de coibir o pensamento crítico a partir de uma lógica de culto em escala global. É o que eu disse, se conseguirmos analisar friamente as evidências, podemos usar este como um caso modelo para desbaratar qualquer teoria da conspiração."

"Eu não sei se eu tenho essa cabeça fria necessária para não levar essa questão para o lado emocional, professora", concluiu o entrevistador.

Pouco tempo depois dessa entrevista, um neurocientista renomado escreveu o livro: *"A Besta, a Escolha de Sofia Moderna*". Ali, ele argumenta que o problema lógico da Besta, ou do Basilisco Social, forçou as pessoas a tomarem uma escolha entre duas possibilidades igualmente dolorosas: pôr toda a sua fé na ciência e na sua capacidade de explicar o mundo ou acreditar em uma lógica de culto em troca de uma possível recompensa no pós-vida; tudo ou nada.

Passados alguns meses, alguns fenômenos começaram a aparecer

relacionados com o problema do Basilisco Social. O primeiro era que muitos membros de cultos haviam abandonado sua antiga crença. O problema do Basilisco Social era uma espécie de “droga mais leve” que podia ser usada na transição entre a lógica mais “pesada” do culto e a realidade. A necessidade de fazer uma escolha de “tudo ou nada” era perfeita para o tratamento, que começou a ser realizado em massa.

Muitas pessoas, no entanto, adotaram a crença no Basilisco Social como uma religião ou uma filosofia pessoal, principalmente aqueles que já eram adeptos de teorias de conspiração. As atitudes de líderes da extrema direita como Donald Trump e Benjamin Netanyahu passaram a ser ainda mais pautadas pela irracionalidade, o que fez médicos e analistas políticos questionarem a sanidade desses presidentes.

Bilionários e donos de grandes Big Tecs do campo da IA passaram a dedicar as suas vidas para trazer à tona a Besta, ou o Basilisco Social. O resultado após alguns anos da publicação do artigo era um mundo ainda mais dividido entre aqueles que acreditavam na ciência e aqueles que acreditavam na Besta.

No fim da vida do matemático, ele se pronunciou sobre o efeito global do seu artigo: “Foi uma boa piada, gosto de pensar que a distância média entre as pessoas está rindo neste exato momento.”